

# Índios lutam contra a catequese

## ■ Tribos defendem o direito de cultivar seus próprios mitos

JOSÉ MARIA MAYRINK

BELO HORIZONTE — Cinco índios da delegação indígena brasileira que participa do Quinto Congresso Missionário Latino-Americano (Comla-5) questionaram ontem, numa entrevista coletiva, a evangelização que as igrejas, católica e evangélicas, vêm impondo há 500 anos a seus povos, sem levar em conta as tradições de sua cultura e de sua religião.

“Será que precisamos aderir aos ritos religiosos dos brancos para sermos considerados evangelizados?”, perguntam os índios num manifesto aprovado, esta semana, numa reunião paralela ao congresso. “Entendemos que a religião é um mistério e que as expressões diferem na sua diversidade cultural”, afirma o documento, advertindo os missionários que “ninguém pode conhecer o mistério de cada povo”.

Deus, para eles, é Tupã, e cada tribo deve cultuá-lo de acordo com sua crença e seus rituais, disseram os índios, ao pedir aos católicos e evangélicos que respeitem o seu passado. “Comparando a religião cristã com a da minha gente, descobri aos poucos que é a mesma coisa”, disse Raimundo Xavante, que foi batizado, ainda menino, numa missão salesiana de Mato Grosso e trabalha como agente pastoral.

“A fé xavante e a fé dos missionários é a mesma, mas estou estudando um caminho para mostrar essa identidade dentro da minha cultura, com as cerimônias e rituais de meu povo”, anuncia Raimundo, respondendo na prática ao desafio da inculturação (neologismo inventado pela Igreja) que o Comla-5 discute em Belo Horizonte.

**Convivência** — Como agente pastoral, o xavante não fala em Jesus Cristo nem prega a prática dos sacramentos. “Ando pelas aldeias mostrando que os índios amam os outros índios”, informou Raimundo, para quem a convivência é tradução da mensagem evangélica. O antropólogo Gunter

Kroemer, assessor do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), assegurou que essa pastoral se enquadra na orientação dada aos missionários católicos.

Os salesianos de Mato Grosso se adaptaram às novas normas, mas existe resistência em outras missões. “Ainda há quem insiste na sacramentalização”, disse o missionário Fabrício Pimenta, também da equipe do Cimi. O aval da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) não significa aprovação de Roma. “É muito difícil uma pessoa de fora entender a cultura indígena”, argumentou Kroemer, referindo-se àqueles que impõem o batismo cristão aos índios.

“Eu fui batizado de acordo com os rituais de minha nação”, observou o pajé Augusto Kaingang, que participa do congresso missionário. “Exigimos que as igrejas assumam um compromisso concreto com os índios, apoiando a demarcação de nossas terras. A colonização avançou sobre as comunidades indígenas, os brancos destruíram nossas matas, nossa caça, nossos peixes, nossa fruta e até nossa religião.”

## Papa pode vir ao Brasil

BELO HORIZONTE — O papa João Paulo II pode visitar o Brasil pela terceira vez, mas ainda não confirmou a viagem. Em resposta a uma carta entregue pelo governador de Minas Gerais, Eduardo Azeredo, o cardeal Josef Tamko disse que o Vaticano estudará o convite para que o papa volte a Belo Horizonte em 1997, quando a cidade vai comemorar 100 anos de fundação.

O cardeal Tamko, presidente da Sagrada Congregação para Evangelização dos Povos, é o legado pontifício, (representante pessoal do papa) no Quinto Congresso Eucarístico Missionário, que reúne 3.500 participantes de 42 países na capital mineira.

O convite do governador mineiro reforça outro que já havia sido feito, em junho, pelo presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Dom Lucas Moreira Neves.

SOCIOAMBIENTAL	Fonte	TRB
	Data	21/12/95
Class.	746	Pg 6

Documentação